

INTRODUÇÃO

«VENHO HUMILDEMENTE...»

Venho humildemente colocar-me perto de cada um de vós como um irmão, um amigo, um pai e um discípulo de Jesus Cristo. E venho para meditar convosco sobre o dom maravilhoso que recebestes: o sacerdócio. Jesus Cristo faz-nos participar de forma extraordinária e gratuita no seu sacerdócio.

Na Igreja, os dias de ordenação sacerdotal são dias de festa. Que alegria é ver os jovens sacerdotes entregarem-se ao Senhor! Quem nunca admirou a alegria profunda estampada nos rostos enrugados e cansados dos padres mais velhos que durante tantos anos foram fiéis? O ministério sacerdotal é fonte de alegria porque consiste em dar a vida divina e em conduzir as almas para o Céu, para a alegria perfeita.

Contudo, nos tempos que correm, a sombra da noite paira sobre a vida dos sacerdotes. Não há semana em que não se saiba de um caso de abuso sexual ou de corrupção. Temos de encarar a verdade de frente: o sacerdócio parece vacilar. Alguns sacerdotes fazem lembrar marinheiros num navio violentamente sacudido pela tempestade. Tergiversam e gaguejam. Como podemos deixar de nos interrogar ao

ler alguns relatos de abuso de crianças? Como é possível não duvidar? O sacerdócio, o seu estatuto, a sua missão, a sua autoridade foram postos ao serviço do que há de pior. O sacerdócio foi instrumentalizado para dissimular, velar e mesmo justificar a profanação da inocência das crianças. A autoridade episcopal foi por vezes utilizada para perverter e mesmo quebrar a generosidade daqueles que queriam consagrar-se a Deus. A procura da glória mundana, do poder, das honrarias, dos prazeres terrenos e do dinheiro infiltrou-se nos corações de sacerdotes, bispos e cardeais. Como podemos suportar tais factos sem estremecer, sem chorar, sem nos pormos em causa?

Não podemos agir como se nada se passasse. Como se tudo isso fosse apenas um acidente de percurso. Temos de encarar o mal de frente. Porquê tanta corrupção, tanto desvio e tanta perversão?

É legítimo que nos peçam contas. É legítimo que o mundo nos diga: «Vocês são como fariseus, que dizem e não fazem» (cf. Mt 23, 3). O povo de Deus olha com suspeita para os seus sacerdotes. Os descrentes desprezam-nos e desconfiam deles.

Há quem se interroge sobre se o próprio sacerdócio não estará em causa. Surgem aqui e ali propostas para mudar a instituição, renová-la, modernizá-la. Todas essas iniciativas seriam legítimas se o sacerdócio fosse uma instituição humana. Mas não fomos nós que inventámos o sacerdócio – ele é um dom de Deus. Não se reforma um dom divino sobrecarregando-o com as nossas ideias humanas para o conformar com os gostos do momento. Pelo contrário, restauramo-lo desembaraçando-o das camadas de cal que impedem o original de revelar o seu esplendor.

Infelizmente, há quem tenha utilizado o sacerdócio para satisfazer a sua vontade de pecar. E assim foi deturpado o sentido da ordenação sacerdotal. Até o sentido das palavras foi pervertido. Assim, quando se diz que o sacerdote é identificado com Cristo a ponto de se tornar «outro Cristo», nunca se dá a essa afirmação um sentido psicológico. O sacerdote não é de maneira nenhuma todo-poderoso. Não lhe devemos uma obediência cega. Ser identificado com Cristo não confere nenhum direito a controlar ou a satisfazer os seus caprichos. Pelo

contrário, ser outro Cristo obriga a ser o mais pequeno dos servos, ser outro Cristo obriga a um casto e infinito respeito por todos, ser outro Cristo obriga-me a subir à Cruz. A ordenação não nos coloca num trono, mas na Cruz. Não deixemos que alguns perversos nos roubem as palavras tão belas e tão exigentes da tradição cristã. A identificação mística e espiritual do sacerdote com Cristo não conduz a nenhum abuso quando é vivida em verdade. Não tenhamos receio de voltar a atribuir a estas palavras tão exigentes o seu sentido profundo.

O sacerdócio obriga-nos a resplandecer de santidade. «Efetivamente», como afirma São João Crisóstomo, «a alma do sacerdote deve ser mais pura do que os raios de Sol, para que o Espírito Santo nunca o abandone, para que ele possa dizer: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”»¹.

O sacerdócio é o bem mais precioso da Igreja. Ele deve irradiar pelo mundo a luz e a santidade de Deus. Não há santificação possível sem o sacerdócio, «porque, tal como sem o Sol nenhuma luz se ergueria na Terra, assim também sem o sacerdócio não chegaria até nós nenhuma graça e nenhuma santidade da Igreja. O Sol espalha pelo mundo os seus raios luminosos; o sacerdócio opera em todos, prodigaliza os seus dons e por todos espalha o perfume da santidade. Porque o fim para o qual ele foi instituído por Cristo é o de que a Igreja receba dele toda a sua santificação, toda a sua beleza, todo o seu esplendor»².

É evidente que a santidade que deve resplandecer no sacerdote vem da santidade de Deus. Os sacerdotes devem tornar-se perfeitos e santos à semelhança de Jesus Cristo. Assim, enquanto sacerdotes, precisamos de trabalhar para adquirir todas as virtudes humanas e cristãs que permitem que nos configuremos realmente com Cristo e nos pareçamos com Ele. Efetivamente, como nos exorta São Gregório de Nis-

¹ *Sur le Sacerdoce*, VI, 2, 8-9.

² *La Tradition Sacerdotale: Études sur le Sacerdoce*, Bibliothèque de la Faculté Catholique de Théologie de Lyon, vol. 7, Le Puy, Éditions Xavier Mappus, 1959, cf. pp. 170 e segs.

sa, «se consideramos, por um lado, que Cristo é a verdadeira luz, estranha a qualquer mentira, compreendemos que a nossa vida também deve ser iluminada pelos raios da Verdade. As virtudes são os raios do Sol da Justiça que brilham para nos iluminar, a fim de que rejeitemos as atividades das trevas e nos comportemos honestamente tal como se faz em pleno dia. Recusemos as dissimulações vergonhosas, façamos tudo às claras; então, tornar-nos-emos nós luz para podermos iluminar os outros, tal como é próprio da luz. E, se considerarmos que Cristo é a nossa santificação, abster-nos-emos de qualquer ação e qualquer pensamento profano e impuro; assim mostraremos que participamos verdadeiramente no seu Nome, professando com a nossa vida, ou seja com prática e não só com palavras, o seu poder santificador³».

Eis a situação do sacerdócio. Cristo Jesus deu-nos um belíssimo ícone, luminoso e claro, do seu ser sacerdotal. O sacramento da Ordem é esse ícone de Jesus, Sumo Sacerdote. Mas os nossos compromissos com o mundo adicionaram camadas de tinta de qualidade medíocre à obra de arte divina. E ela perdeu o seu esplendor. Importa portanto restaurá-la, e para isso é preciso raspar essas camadas para chegar ao original. Foi a essa obra reformadora, de regresso à forma querida por Deus, que quisemos convidar com Bento XVI quando publicámos *Do Fundo dos Nossos Corações*⁴. Nesse livro, cada um de nós abriu caminhos para uma restauração de um modo de vida plenamente sacerdotal para os sacerdotes. Algumas propostas eram audaciosas. Infelizmente, só foram retidas dessas linhas as interpretações mais polémicas e políticas. Contudo, o livro encontrou um leitor atento e benevolente na pessoa do Papa Francisco, que não cessou de convidar os sacerdotes a uma restauração do seu ser mais profundo. Pedindo-nos que rompamos com a autorreferencialidade, o Papa convida-nos a redescobrir um sacerdócio que não nos remeta para si mesmo, mas que seja verdadeiramente um ícone de Cristo-Sacerdote.

³ «Traité sur la Perfection Chrétienne», in *La Liturgie des Heures*, t. 3, Cerf-Desclées de Brouwer-Mame, 1980.

⁴ Cardeal Robert Sarah com Bento XVI/Joseph Ratzinger, *Do Fundo dos Nossos Corações*, Cascais, Lucerna, 2020.

Como se há de empreender essa restauração? Como se há de raspar as camadas acumuladas de pintura e verniz? Proponho-vos um método simples neste livro: deixemos falar a Igreja! Deixemos falar os seus santos, os seus doutores. Aliemos o seu ao nosso olhar para renovarmos as nossas perspectivas.

Quis que este fosse um livro simples, curto, acessível a todos. Quis um livro que ajudasse os sacerdotes a redescobrirem a sua identidade profunda, para que o povo de Deus renove o seu olhar sobre eles.

Darei a palavra aos santos, homens e mulheres, leigos e consagrados. A pureza das suas almas permitir-nos-á reencontrar a essência do sacerdócio. Não procureis neste livro um tratado de teologia académica. Trata-se aqui da teologia dos santos, que é contemplativa, espiritual, mas também prática e concreta. Deixo a palavra à Igreja no seu magistério, porque, através dela, é a voz de Cristo que vem ter connosco.

Cada texto será para nós como que um olhar renovado, um traço de luz para melhor desenhar o retrato espiritual do sacerdote tal como Jesus Cristo o quis, e tal como nós precisamos hoje. À luz destes ensinamentos da Igreja e dos santos, juntos, examinaremos a qualidade das nossas relações com Deus. Procuraremos tomar consciência de que aqueles que servem Deus e o Altar não devem misturar-se com as baixezas da Terra. Tentaremos pôr concretamente em prática o Salmo 15: «Dominus pars hereditatis meae et calicis mei. Tu es qui defines sortem meam» – «Senhor, minha herança e meu cálice, a minha sorte está nas tuas mãos. Na partilha foram-me destinados lugares apazíveis e é preciosa a herança que me coube» (Sl 15, 5-6).

Convosco, observo a tempestade que sacode violentamente a Igreja. Grandes perturbações, questionamentos doutrinários e litúrgicos inquietantes, o desabamento da teologia moral católica, a omnipresença do mal no mundo, que tornam a Igreja indefesa perante as mudanças importantes na sociedade, perturbam-nos e entristecem-nos profundamente a todos. A nossa identidade sacerdotal, manchada por uma minoria entre nós, é fortemente contestada. Há uma corrente de

pensamento que nega a diferença essencial entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos batizados. Quer-se atribuir a todos funções ministeriais para além daquelas a que habilitam os sacramentos do Batismo e da Confirmação. Partindo desta conceção puramente funcional e sociológica do sacramento da Ordem, não estaremos a correr o risco de desvirtuar completamente o sacerdócio da Nova Aliança?

Dessa perspetiva sociológica do sacerdócio nasceram pressões e reivindicações em favor da ordenação das mulheres e dos homens casados. Contudo, o Papa João Paulo II, na sua carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, de 15 de agosto de 1988, exprimiu e explicou claramente a ligação íntima que existe entre a relação sponsal de Cristo com a Igreja e o facto de a ordenação estar reservada aos homens.

Eis as suas palavras inesquecíveis: «Encontramo-nos no próprio centro do Mistério pascal, que revela até ao fundo o amor sponsal de Deus. Cristo é o Esposo porque “Se entregou a Si mesmo”: o seu corpo foi “dado”, o seu sangue foi “derramado” (cf. Lc 22, 19-20). Deste modo “amou até ao fim” (Jo 13, 1). O “dom sincero” atuado no sacrifício da Cruz ressalta de modo definitivo o sentido sponsal do amor de Deus. Cristo é o Esposo da Igreja, como redentor do mundo. *A Eucaristia é o sacramento da nossa redenção. É o sacramento do Esposo, da Esposa.* A Eucaristia torna presente e de modo sacramental realiza novamente o ato redentor de Cristo, que “cria” a Igreja, seu corpo. Com este “corpo” Cristo está unido como o esposo à esposa. Tudo isto está presente na Carta aos Efésios. No “grande mistério” de Cristo e da Igreja é introduzida a perene “unidade dos dois”, constituída desde o “princípio” entre o homem e a mulher.

Se Cristo, instituindo a Eucaristia, a ligou de modo tão explícito ao serviço sacerdotal dos apóstolos, é lícito pensar que dessa maneira Ele queria exprimir a relação entre homem e mulher, entre o que é “feminino” e o que é “masculino”, querida por Deus, tanto no mistério da criação como no da redenção. É na *Eucaristia* que, em primeiro lugar, se exprime de modo sacramental *o ato redentor de Cristo Esposo em relação à Igreja Esposa*. Isto torna-se transparente e unívoco quando o serviço sacramental da Eucaristia, no qual o sacerdote age *in*

persona Christi, é realizado pelo homem. É uma explicação que confirma o ensinamento da declaração *Inter Insigniores*, publicada por incumbência do Papa Paulo VI para responder à interrogação sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial, a 15 de outubro de 1976».

Além disso, hoje vivemos no meio de um mundo sem Deus. No árido deserto duma sociedade ocidental em que avança rapidamente a apostasia silenciosa do Homem que julga ser mais feliz sem Deus, venho convidar-vos a tornarem-se cada vez mais claramente sinais evidentes da Presença de Deus no mundo. Convido-vos a sentarem-se frequentemente aos pés de Jesus para O ouvir falar do amor infinito do Pai, e a reaprenderem com Ele a primeira e fundamental tarefa que o Senhor nos confia. A sociedade ocidental matou Deus, e é por isso que ela se encontra decadente e se eutanasia lentamente, apesar das suas aparências de prosperidade material. Com a morte de Deus, julgou-se ser possível atingir a autonomia e a liberdade totais para o Homem. Mas a morte de Deus conduziu à morte da liberdade e ao obscurecimento de uma justa conceção do Homem. Deus é a única bússola que nos pode orientar para a felicidade.

Como repete muitas vezes Bento XVI, Deus fez-Se homem por nós. A sua criatura humana é tão cara ao seu coração que Ele Se uniu a ela e integrou-Se assim na sua história de maneira muito concreta. Ele fala connosco. Ele vive connosco, age connosco, sofre connosco e escuta os nossos gritos de angústia. Tomou sobre Si a morte para nos salvar da morte e do pecado. A teologia evoca isso muitas vezes com palavras demasiado sábias, incompreensíveis e herméticas. É precisamente assim que corremos o risco de nos tornarmos especialistas de Deus, mestres da fé, em vez de nos deixarmos transformar, renovar, governar e divinizar por ela. É pelas nossas vidas e pelo nosso testemunho inteiramente impregnados de Evangelho que devemos restituir a Deus o seu lugar no mundo.

Este livro é um convite para nos sentarmos aos pés de Jesus, o nosso Sumo Sacerdote, para nos deixarmos renovar no nosso sacerdócio. É aos seus pés, seguindo os seus passos, que aprendemos

a ser sacerdotes, a nos deixar moldar à sua imagem e semelhança, e a entrar plenamente nos mistérios cristãos que celebramos com fé.

Jesus ensina-nos que, através do seu sacerdócio, Deus nosso Pai iniciou uma história de amor connosco, um amor infinito e exigente, que vai até à morte. Ele deseja associar-lhe toda a criação. O contrapeso contra o mal que nos ameaça só pode consistir no nosso abandono total a esse Amor. É ele o verdadeiro contrapeso em relação ao mal. O poder do mal nasce da nossa recusa a amar a Deus.

O único objetivo destas linhas é abrir o nosso coração para voltar a escutar Jesus, que reza por nós, sacerdotes: «Não te peço que os retires do mundo, mas que os livres do Maligno. De facto, eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. Faz que eles sejam teus inteiramente, por meio da Verdade; a Verdade é a tua palavra. Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo, e por eles totalmente Me entrego, para que também eles fiquem a ser teus inteiramente, por meio da Verdade» (Jo 17, 15-19). Elas gostariam de vos encorajar a resistir, firmes e fiéis à graça do vosso sacerdócio, quaisquer que sejam as provas, os sofrimentos, as tribulações e os insultos que tendeis de suportar pelo Nome do Senhor Jesus.

Estas linhas gostariam também de vos recordar que a Paixão de Cristo é uma realidade permanente e inerente à vida do sacerdote. Os cartuxos ensinam-no-lo: «Stat Crux dum volvitur orbis» – «Só a Cruz se mantém estável enquanto o mundo gira em seu redor». Cristo sofre e morre ainda hoje através dos seus sacerdotes e dos fiéis cristãos.

Seguindo São Francisco de Assis, este livro gostaria de vos levar a uma profunda conversão, a carregardes como ele no vosso corpo os estigmas de Cristo e, nas suas próprias palavras, a assumir como regra de vida «a decisão de seguir integralmente o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo».